

A palavra tem poder ou o poder escraviza a palavra? Qual o valor da palavra? Ou melhor, o que seria uma palavra de valor? Nos clássicos de Lewis Carroll, em recente edição integral e comentada por Martin Gardner, jogos de palavras aparentemente sem sentido, fazem pensar no que as palavras escondem e mostram o tempo todo. *Alice no País das Maravilhas* é, acima de tudo, um livro filosófico e divertido, altamente recomendável para adultos. Escrito em época de efervescência intelectual, além de ser um marco na literatura infantil, ajudou a combater o conformismo da moral vitoriana. Apenas pelo bom uso das palavras.

Os inúmeros acontecimentos extraordinários por que Alice passa nessa aventura de autoconhecimento, como o problema com seu tamanho que mudava a toda hora, a tornam uma criança reflexiva: “Deixa eu pensar: quando eu acordei hoje de manhã, eu era a mesma? Tenho quase certeza de que estou lembrando que estava um pouco diferente... Mas se não for eu mesma, a pergunta seguinte é: Então, quem sou eu? Esse é o grande mistério!”. Ou através de um dos inúmeros trocadilhos, o fabuloso Grifo dá sua explicação sobre o peixe linguado, que tem esse nome não por ter língua, mas por consertar botas e roupas. Claro! “Botas e roupas desmilinguidas no fundo do mar são consertadas por dez mil linguados”. Há também o impasse criado pela Rainha ao querer cortar a cabeça do sorridente gato de Cheshire. Como decapitar alguém que, às vezes, resumia-se a uma cabeça? Bem, esse era o jeito que a Rainha tinha de resolver todas as dificuldades, grandes ou pequenas.

Já no final de sua aventura, Alice assiste ao julgamento do Valete e trava o seguinte diálogo com a Rainha, que esbraveja ao júri: “Primeiro a sentença, depois o veredicto.” “Mas que besteira mais absurda! Como alguém pode querer a sentença antes?” “Cale a boca!” “Não calo!” “Cortem-lhe a cabeça!”-ordenou aos soldados. “Quem liga para vocês? - disse Alice já com seu tamanho verdadeiro. Vocês não passam de cartas de baralho...”

O final da estória é lindo. Depois de lê-lo, imaginei Alice adulta, exercendo seu direito de pensar e talvez, concluindo que o poder escraviza as palavras. Mas somente quando não se tem poder sobre elas, quando não se entende o quê é uma palavra de valor e principalmente, quando não se acredita no valor da própria palavra. Pois ela é invólucro do pensamento, e se não passar de carta de baralho, que não seja utilizada num jogo de azar ou das falsas sortes da mentira. Afinal, “quem não pensa, não devia dizer nada”, advertiu certa vez o Chapeleiro Louco.

Quem acredita no poder das palavras e não na palavra do poder, deve ler as palavras que Carroll escreveu para Alice. São palavras de valor, que estão muito longe de ser simples cartas de baralho a serviço de uma guilhotina.